

fenômenos do mundo (objetos do conhecimento sobre os quais argumenta) para os fundamentos/sustentabilidade de suas concepções (pontos de vista) sobre aqueles fenômenos/objetos. 2-Tal mudança implica uma diferenciação nos processos de pensamento à medida que não só fenômenos, mas também concepções sobre fenômenos do mundo tomam-se objetos de reflexão. 3-A reflexão do indivíduo sobre suas concepções a respeito de fenômenos do mundo pode ser conceituada como um processo de argumentação auto-dirigida (desencadeada pelo indivíduo e endereçada às suas próprias posições). 4-Ontogeneticamente, a argumentação auto-dirigida emerge em situações nas quais justificação de posições e exame de idéias contrárias ocorrem inicialmente como resposta à demanda direta de outros. Neste trabalho propõe-se um procedimento analítico desenhado para capturar o desenvolvimento da argumentação auto-dirigida: Inicialmente argumentos, contra-argumentos e respostas a contra-argumentos são identificados nas falas dos participantes. Em seguida distinguem-se: 1-argumentos/contra-argumentos suscitados por outros dos espontaneamente produzidos e 2-contra-argumentos que focalizam argumentos de outros dos que antecipam críticas aos argumentos do próprio falante. Finalmente, a frequência dos elementos identificados na fase anterior é observada em diferentes momentos da discussão (início, meio, fim). A aplicação deste procedimento à argumentação de crianças mostra que à progressão da discussão corresponde uma produção crescente de argumentos espontaneamente gerados e de antecipações de contra-argumentos para seus próprios argumentos. Este resultado é interpretado como indicativo de um incremento no controle e na reflexão voluntária sobre fundamentos/limites do próprio conhecimento (raciocínio auto-reflexivo). (CNPq)

BRINQUEDO, APRENDIZAGEM E SAÚDE

Coordenação: EDDA BOMTEMPO

Aidyl M. de Queiroz P. Ramos (USP)
 Antonia Cristina Peluso de Azevedo (UNISAL-LORENA)
 Edda Bomtempo (USP)
 Elsa Lima Gonçalves Antunha (USP)
 Ilka Dias Bichara (UFBA)
 Silvana Maria Moura da Silva (UFMA)
 Therezinha Vieira (UFMG)
 Vera Maria Barros de Oliveira (UMESP)

R051 Avaliação do ambiente lúdico nas unidades pediátricas hospitalares

Aidyl M. de Queiroz Pérez-Ramos (Universidade de São Paulo)

Afirma-se, de modo geral, que os estudos na matéria vem colaborando com posições favoráveis para a organização de um ambiente propício à saúde e ao desenvolvimento integral das crianças internadas em unidades pediátricas hospitalares. Corroboram nesta direção as brinquedotecas e os arranjos com estímulos lúdicos existentes em determinadas instituições hospitalares, inclusive as públicas.

Esta situação evidencia a necessidade de avaliar, com a devida precisão, a importância dessas intervenções. A presente pesquisa progride neste sentido com o objetivo de adaptar um instrumento de avaliação do ambiente de creche a este contexto hospitalar e, obtendo, em decorrência, resultados precisos sobre as condições do mesmo em prol da promoção das crianças internadas. Utiliza-se do Inventário Cumulativo de Estimulação Ambiental (ICEA) de Pérez-Ramos e Pérez-Ramos para esta finalidade. Baseando-se nas modificações preliminares dos seus itens para a avaliação do contexto em foco, escolhe-se uma unidade pediátrica de um hospital público. São feitas na mesma observações participantes nos momentos da rotina das crianças hospitalizadas, nas idades de 3 meses a 6 anos, durante um período de 15 dias, em função dos requerimentos da prova. Como resultado obtém-se a depuração dos seus itens para o ambiente hospitalar pediátrico e para as crianças observadas, objetos de estudo, além da comprovação da carência ou inadequação das brincadeiras das acompanhantes ou das enfermeiras auxiliares junto a aquelas e do uso insuficiente da brinquedoteca, sobretudo para os primeiros anos de vida.

R052 Brinquedoteca psicopedagógica: um levantamento de dados sobre a queixa escolar

Antonia Cristina Peluso de Azevedo (Centro Universitário Salesiano de Lorena)

Esta pesquisa teve como objetivo realizar um levantamento de dados sobre os motivos que levaram a escola ou a família a procurar o serviço da Brinquedoteca Psicopedagógica de um Centro Universitário do interior do Estado de São Paulo, levantando também dados sobre o histórico escolar e familiar das crianças encaminhadas. Foram sujeitos vinte crianças atendidas na Brinquedoteca Psicopedagógica, ano 2000, sendo quinze meninos e cinco meninas, com idade variando entre 5 e 12 anos, cursando da Pré-Escola à segunda série do Ensino Fundamental (dezesseis crianças em escola pública, e quatro em escola particular). A pesquisa caracterizou-se metodologicamente como de Levantamento de Dados, sendo utilizado como fonte, os prontuários das vinte crianças atendidas. Os resultados mostraram, em relação à queixa, que nove das crianças são caracterizadas como distraídas, dispersas e desatentas; nove tem dificuldade em leitura e escrita; três não querem mais ir à escola; oito são rotuladas como agressivas e irritadas; seis não fazem nada na escola; uma chora muito e é considerada imatura pela professora; duas só fazem o que querem; quatro não conseguem aprender nada; duas são agitadas. Com relação à história escolar dessas crianças, uma mudou de escola; duas voltaram para a série anterior; seis são repetentes; uma não quer ficar na escola. As demais crianças não apresentam problemas escolares. A história familiar das vinte crianças atendidas, evidencia que em oito dos casos, os pais são separados; uma delas tem ciúmes da mãe; em uma delas, o clima familiar é tumultuado; duas das crianças possui pai alcoólico; em uma o pai é usuário de droga; duas das crianças são adotivas; em uma delas o pai não se relaciona bem com os filhos; em uma delas, o pai suicidou-se; uma delas não conhece o pai; duas tem relacionamento familiar saudável. Como conclusão, percebeu-se que a

queixa concentra-se, em sua maioria, na própria criança como fonte do problema, tal como apontam os estudos de Patto (1997) e Machado et al (1997), o que acaba levando a uma psicologização e patologização dos problemas. Em relação à história escolar e familiar das crianças atendidas, evidenciou-se o quanto se faz necessário considerar também as práticas pedagógicas adotadas na escola, assim como os componentes vinculares presentes no contexto da família, como elementos constituintes do problema da criança, uma vez que esses são pouco considerados. Propõe-se com isso, uma perspectiva circular e interativa de entendimento da queixa (WEISS, 1992), a fim de que se possa realizar um processo diagnóstico interventivo mais sistêmico e abrangente.

R053 Em busca da confiança necessária para viver criativamente através do brincar: a criança diante da cirurgia cardíaca

Fabiane de Amorim Almeida; Edda Bomtempo (Universidade de São Paulo)

Vários estudos demonstram a influência que o atendimento adequado das necessidades emocionais, sociais e espirituais, além das físicas, exerce sobre o processo de cura da criança hospitalizada. Ela continua a ter as mesmas necessidades que manifestava em casa, crescendo-se aquelas relacionadas à doença e a hospitalização. O brincar é uma delas e, se não suprida adequadamente, pode levar a distúrbios de comportamento. Este trabalho enfoca o brincar terapêutico como estratégia de preparo da criança para a cirurgia cardíaca. Participaram da amostra, cinco crianças e seus acompanhantes. Com base nos pressupostos de Winnicott, identificaram-se quatro categorias de significados a respeito de como a criança vivencia a experiência da cirurgia. 1ª) Conseguindo ser criativa pelo brincar; 2ª) Experimentando novas vivências de confiabilidade; 3ª) Quando não é possível brincar; 4ª) Expressando livremente seus sentimentos através do brincar. Os resultados mostraram que, tendo a oportunidade de brincar e capacidade de confiar no ambiente, ela conseguiu ser criativa e descobriu seu eu (self). Fortalecida pela maternagem "suficientemente boa" ao nascer, estabeleceu novos vínculos de confiança no hospital. Complicações pós-operatórias evidenciaram-se como potencialmente traumáticas para uma das crianças que não brincou após a cirurgia. Porém, a função auto-terapêutica do brincar emergiu claramente em vários momentos. Cabe, portanto, ao profissional de saúde, propiciar o clima de confiança necessário para que o brincar aconteça.

R054 "Jogos Sazonais" – coadjuvantes do amadurecimento das funções cerebrais

Elsa L.G. Antunha (Universidade de São Paulo)

A discussão sobre a importância dos "jogos sazonais" no amadurecimento das funções cerebrais é um dos aspectos do plano geral da criação do "Método Neuropsicológico de Alfabetização", de minha autoria, destinado a crianças portadoras de graves distúrbios de aprendizagem entre as quais se incluem: dislexia, deficiência mental, paralisia cerebral, meningomielocele, síndrome de Down e outros.

São de tal ordem as dificuldades apresentadas por algumas destas crianças, que na falta de melhor assistência elas acabam, após vários anos, por desistir da escola. Levando-se em conta os atuais constructos mentais sobre a organização do cérebro bem como as evidências, no campo da neuroimagem, sabe-se que para estas crianças é fundamental que os setores afetivo, conativo e intelectual se integrem, a fim de que as conexões neurais indispensáveis à aquisição da leitura e da escrita, bem como as subseqüentes aquisições no plano da simbologia se estabeleçam. Os resultados das pesquisas por mim efetuadas, sobre estudos longitudinais de casos, procedentes das instituições especializadas as quais supervisiono a aplicação do Método, chegamos a várias implicações. Sobressaem pela sua importância na formação da trama da aprendizagem, os jogos e brincadeiras infantis, os chamados "jogos sazonais". A intrincada integração que eles promovem entre as vertentes afetiva, conativa e intelectual, mobilizando dispositivos cerebrais que vão desde o tronco cerebral, que regula a vida, o hipotálamo que preserva a memória e a continuidade do "self", o sistema límbico que rege a afetividade, (tálamo e córtices angulados) até atingir as estruturas superiores neo-corticais (lobos frontais) responsáveis pelas practognosias, linguagem, pensamento, tomada de decisão, enfim a mente consciente. Nessa linha de trabalho em que os passos da alfabetização são norteados pelo que se conhece da estrutura do sistema nervoso e do cérebro, em particular, as dificuldades são neurologicamente diagnosticadas, permitindo mais direta e científica intervenção, tornando a criança mais feliz e consciente dos caminhos a seguir.

R055 SOS e delimitações do espaço em brincadeiras de rua

Ika Dias Bichara (Universidade Federal da Bahia)

A forma como crianças lidam com o espaço, principalmente aqueles classificados como abertos (ruas, playgrounds, parques, praças etc.) e fazem seus próprios arranjos para brincar ainda é pouco descrita nos estudos sobre brincadeira e desenvolvimento. Investigar a forma como as crianças ocupam os espaços para brincar pode fornecer dados importantes que auxiliem no entendimento da relação com o ambiente e com parceiros de brincadeiras. Espaços onde crianças possam se organizar de forma espontânea, sem a supervisão de adultos pode revelar aspectos mais sutis associados a essa questão. A rua nos parece ser um desses ambientes, pois é onde interações e aprendizagens importantes se dão, em particular nos eventos que envolvem brincadeiras. Investigar como meninos e meninas fazem uso do espaço e o delimitam em brincadeiras na rua e fatores associados a esses usos, foi o objetivo deste trabalho. Para tal se observou tanto através da técnica da varredura quanto de registro cursivo de sujeito focal, grupos de crianças brincando nas ruas do bairro Rosa Elze situado na Grande Aracaju. Foram encontradas 28 brincadeiras diferentes em 74 episódios registrados. Confirmou-se a tendência verificada em estudos anteriores de que meninos ocupam espaços mais abertos que permitam grande movimentação, enquanto as meninas preferem áreas mais delimitadas e protegidas e bem próximas as suas casas, o que não excluiu o registro de brincadeiras que se diferenciaram desta

tendência geral. Todas as brincadeiras implicaram na delimitação de um determinado território, desde aqueles impostos pelo próprio jogo, como por exemplo, a marcação de um "campo", local de traves ou redes; quanto na ocorrência de delimitações não explícitas como, por exemplo, não passar para outra rua numa brincadeira de pega-pega ou de esconder. Encontrou-se sete diferentes formas de delimitação de acordo com os tipos de brincadeiras, todas elas relacionadas com as regras implícitas ou explícitas próprias a cada brincadeira. Muitas são as possibilidades de usos do espaço por meninos e meninas em brincadeiras, algumas revelando adaptações aos espaços possíveis, outras ao tamanho dos grupos e habilidade dos brincantes.

R056 Atividades lúdicas para crianças hospitalizadas por câncer: o olhar dos profissionais e das voluntárias

Silvana Maria Moura da Silva; Wilércia Ferreira Vasconcelos de Miranda (Universidade Federal do Maranhão)

As pesquisas na área da Psicologia Hospitalar revelam que a hospitalização é traumática para os adultos, tanto pior para as crianças por ocasionar problemas no seu desenvolvimento. Além das limitações impostas pela doença, a restrição do espaço físico e mesmo a ausência de espaços adequados para a criança brincar, a inadequação de estímulos ao ritmo do desenvolvimento infantil diminuem as possibilidades de experimentação e de exploração do meio pela criança, podendo comprometer tanto seu desenvolvimento motor quanto o cognitivo e afetivo. O objetivo principal desta investigação consiste em analisar os benefícios proporcionados pelas atividades lúdicas na recuperação de crianças hospitalizadas por câncer, de acordo com a visão dos profissionais e das voluntárias da casa de apoio. O local de realização da pesquisa corresponde a um hospital de referência ao tratamento do câncer infantil em São Luís - MA. Utiliza-se para a coleta de dados dois tipos de entrevistas estruturadas e diferenciadas para os participantes (profissionais e voluntárias). Tais entrevistas compreenderam dois blocos de perguntas: dados de identificação das pessoas entrevistadas, dados sobre hospitalização e elementos de atividades lúdicas. É entrevistado um grupo representativo de profissionais (médicos, psicólogos e assistentes sociais) e de voluntárias da casa de apoio, aonde permanecem as crianças, que padecem de câncer. Os resultados mostram que todos os participantes da pesquisa afirmam que as atividades lúdicas beneficiam a recuperação de crianças hospitalizadas por câncer. Dentre os benefícios comuns, apontados por ambos os grupos de entrevistados, tem-se reduções da apatia e da irritabilidade; demonstração de bom humor; interesse em participar de atividades lúdicas; interação com pessoas e objetos; aparecimento do sorriso; vontade de ouvir histórias e alívio de angústia, dor e/ou agressividade. Conclui-se que as atividades lúdicas beneficiam o tratamento de crianças hospitalizadas por câncer, pois através do brincar a criança se expressa e desenvolve habilidades, vivencia momentos alegres, prazerosos que a ajudarão a se recuperar mais rapidamente. Recomenda-se que atividades lúdicas com fins terapêuticos devam fazer parte da rotina nos hospitais com introdução de tempo e espaços adequados para as mesmas.

R057 Um estudo sobre a espera de crianças em um ambulatório pediátrico e a concepção de hospital

Therezinha Vieira; Cristiane Hilbert Vieira, Maria Imaculada Magalhães Cunha (Universidade Federal de Minas Gerais)

As crianças que aguardam consulta em sala de espera de ambulatórios pediátricos de hospitais públicos vivenciam às vezes longos períodos de espera o que pode tornar o hospital fonte de stress para essas crianças. Diante disso, nosso objetivo nesse estudo foi o de caracterizar a espera de crianças em um ambulatório de um hospital público de Belo Horizonte e de identificar a concepção que as crianças dele construíam visando posteriormente a instalação de um canto de brincar na sala de espera. Método: Participantes – participaram, de uma primeira fase desse estudo, 47 crianças entre 6 meses e 8 anos, na sua maioria, da clínica de hipotireoidismo congênito, e de uma segunda fase, 13 crianças entre três e seis anos da mesma clínica e suas respectivas mães, as quais aguardavam rotineiramente atendimento na sala de espera. Equipamento- cronômetro, gravador, folhas de registro, brinquedos estruturados, relacionados à temática do Hospital. Procedimento – Foram realizadas quatro sessões de observação de 1 h e 30m a 2 hs cada, em quatro semanas, durante as quais se registrava, a cada minuto, o número de crianças presentes, sendo cada uma delas identificada para tal. Registrava-se ainda, tomando cada criança como sujeito foco, os comportamentos por ele exibidos durante um minuto. Posteriormente, 13 crianças entre três e seis anos passaram por entrevistas lúdicas para se inferir suas concepções sobre o hospital. As mães dessas crianças também foram entrevistadas a respeito. Resultados principais – Constatou-se uma oscilação de crianças na sala de espera a cada tres minutos, em torno de três a 7 crianças, sendo que o número médio de crianças atendidas por sessão foi de 11. A espera mais curta foi de cinco minutos e a mais longa foi de 1h e 30 min. Os comportamentos exibidos pelas crianças variaram de chorar, irritar-se, a permanecer quieto junto à mãe ou brincar com algo que trouxera. Não se detectou indicações de rejeição ou aversão ao hospital para a maioria das crianças apesar dos exames de sangue a que se submetiam. Conclusões: para as nossas condições de estudo o Hospital não parece ter sido fonte de stress. Contudo a ausência de interação criança-criança e de brincadeiras coletivas ainda sugeria a importância da construção de um espaço lúdico na sala de espera.

R058 Fisioterapia com estratégias lúdicas: uma proposta em reabilitação psicomotora de crianças com paralisia cerebral

Alan Demanboro; Vera Maria Barros de Oliveira (Universidade Metodista de São Paulo)

Este trabalho investiga o efeito da brincadeira simbólica associada a intervenções fisioterapêuticas na reabilitação da função motora de preensão em três pacientes portadores de paralisia cerebral do tipo hemiparesia espástica leve ou moderada, em posto de saúde de médio porte e centro de terapias da Grande São Paulo. Realiza avaliação preliminar dos sujeitos segundo Testes de Força Muscular de Kendall e Escala de Execução de Tarefas de Preensão (EETP), criada

pelo pesquisador, cuja pontuação máxima é de 21 pontos. Desenvolve-se em 25 sessões de 40' cada, com aplicação da técnica fisioterapêutica de Facilitação Neuromuscular Proprioceptiva seguida de estratégias lúdico-simbólicas criando condições de execução de atividades de preensão. Utiliza-se durante seu desenvolvimento de instrumentos fisioterapêuticos de avaliação e da EETP para mensurar mudanças no desempenho. Analisa os dados quantitativamente pelo método quase-experimental e qualitativamente por meio das categorias propostas pelos estudos da Biomecânica da Preensão e da Teoria dos Sistemas Dinâmicos, buscando identificar as situações lúdicas simbólicas que contribuam para a facilitação, agilização e precisão dos esquemas de preensão. Resultados mostram melhora da eficácia motora de preensão das participantes. Considerando-se os resultados da EETP, observou-se que a participante G. evoluiu de 15 pontos ao início da pesquisa para 18 ao final. A participante S. obteve 13 pontos na primeira medição e evoluiu para 19 pontos ao final da pesquisa. A participante V., que se recusou a passar pelas provas, apresentou aumento do uso do seu membro superior parético. Não se observaram mudanças nas medidas de força muscular de preensão ao longo da pesquisa. Estes resultados fornecem evidências de que a associação da brincadeira simbólica ao tratamento fisioterapêutico é útil na reabilitação psicomotora da função de preensão em crianças portadoras de paralisia cerebral. Novas pesquisas com grupos maiores são necessárias para confirmar os resultados sugeridos por este estudo.

R059 Trabalho preventivo lúdico em motricidade junto ao bebê de creche

Vera Maria Barros de Oliveira (Universidade Metodista de São Paulo). Colaboradores: Denise Milani; Egon Felix Hadermann; Magali de Moraes Miguel; Daniella Lucato (Universidade Metodista de São Paulo)

Esta pesquisa verificou o efeito de um Trabalho Preventivo Lúdico de Motricidade junto a 12 bebês, de idade entre 4 e 14 meses, de uma creche particular em cidade de grande porte. Iniciou-se por observação exploratória do ambiente do berçário e Avaliação do Quociente de Desenvolvimento através da Escala de Brunet-Lézine. Com base nesta avaliação, desenvolveu a seguir trabalho preventivo de reformulação do ambiente, favorecendo a movimentação dos bebês, assim como de orientação às educadoras, no sentido de criarem condições para a autonomia motora das crianças. Após um semestre letivo, quatro meses, foi realizada a Segunda avaliação dos bebês. A seguir, foi desenvolvido o trabalho junto às crianças, seguindo a direção da evolução sensorio-motora, descrita por Piaget, através da descentralização e flexibilização das reações circulares, utilizando-se de estratégias lúdicas, em situações que contemplaram a complementaridade de movimentos opostos como abrir/fechar, descer/subir, em duas sessões semanais de 75' cada, sempre com dois pesquisadores, um intervindo, outro, registrando. Após mais quatro meses de trabalho reavaliou as crianças através da mesma escala. Os resultados obtidos evidenciaram uma alteração positiva de 6,26% no Quociente Geral de Desenvolvimento dos bebês, sendo que o QGD médio da 1ª avaliação foi de 110,80, o da

2ª, de 111,60, e o da 3ª, de 118,20, o que indica uma variação a mais de 0,71% da 1ª para a 2ª avaliação, e de 5,58% da 3ª para a 2ª. As áreas que obtiveram melhoria mais significativa foram a da Linguagem (13,47) e Coordenação Motora (11,25%), o que comprova a leitura piagetiana de que a coordenação dos esquemas sensorio-motores favorece a organização e manifestação dos verbais. A análise das brincadeiras grupais dos bebês, indicou uma complexidade crescente, evidenciando a importância da interação espontânea bebê-bebê, através da imitação e contra-imitação, da descoberta de novos meios para resolver problemas emergenciais, sem a interferência diretiva do adulto. Esta pesquisa permitiu também a sistematização de subsídios para a construção de uma proposta regular e efetiva de estimulação precoce lúdica em motricidade junto à criança de creche.

CASAL E FAMÍLIA: ESTUDOS PSICOSSOCIAIS E PSICOTERAPIA

Coordenação: TEREZINHA FÉRES-CARNEIRO

Adriana Wagner (PUC-RS)
 Andrea Seixas Magalhães (PUC-RJ)
 Bernardo Jablonski (PUC-RJ)
 Cilio Ziviani (UGF)
 Cristina Maria de S. Brito Dias (UNICAP)
 Gláucia Ribeiro Starling Diniz (UnB)
 Ileno Izidio da Costa (UnB)
 Isabel Cristina Gomes (USP)
 Júlia S.N. Ferro Bucher (UNIFOR)
 Lidia Levy (PUC-RJ)
 Maria Consuelo Passos (PUC-SP)
 Maria de Fátima Araújo (UNESP-Assis)
 Maria do Carmo C. Almeida Prado (UERJ)
 Maria Lúcia Rocha-Coutinho (UFRJ)
 Paulo Roberto Ceccarelli (PUC-MG)
 Roberta Carvalho Romagnoli (PUC-MG)
 Teresa Cristina O.C. Carreiro (UFF)
 Terezinha Féres-Carneiro (PUC-RJ)
 Vera Lúcia Decnop Coelho (UnB)

R060 Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações

Adriana Wagner (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

A idéia de que as estratégias utilizadas na educação dos filhos mudou substancialmente ao longo das gerações, está amplamente difundida no senso comum. A fim de comparar as condutas educativas utilizadas entre duas gerações, investigamos 200 sujeitos, 100 pais e 100 mães de nível sócio-econômico médio, com filhos em idade escolar. Utilizou-se o questionário "Parent's Report", composto de 48 perguntas que avaliam numa escala Likert de cinco pontos (nunca, raramente, metade das vezes, freqüentemente, sempre) 16 categorias de condutas educativas, subdivididas em dois grupos: 8 condutas de comportamentos socialmente desejáveis e 8 de indesejáveis.